

ENTREVISTA / CHRISTOPHE HONORÉ, CINEASTA

# 'O perímetro da memória é vasto'

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**T**erminado o Festival do Rio, longas-metragens de vertente autoral que não foram absorvidos pela maratona carioca agora encontram espaço em circuito em telas como a do Cine Santa Teresa, que acolhe até quarta, às 13h15 e às 18h, o belíssimo "Inverno em Paris" ("Le Lycéen"). É o relato mais pessoal do francês Christophe Honoré, revelado ao cinema na disputa pela Concha de Ouro de San Sebastián, em 2022.

Desde então, a produção ficou inédita por aqui, apesar do prestígio crescente de seu protagonista, Paul Kircher, filho da atriz Irène Jacob. Ele saiu de San Sebastián laureado com o prêmio de Melhor Interpretação por sua atuação, no papel do alter ego de Honoré, que participa do elenco numa (rara) incursão dramática na pele do pai do Kircher.

O roteiro é a reconstrução dos dias de luto que o cineasta sofreu com a perda de sua figura paterna, ainda bem moço, enquanto fazia as pazes com sua orientação sexual numa década de 1980 assolada pela Aids e pela homofobia, com dizeres como "câncer gay".

Há sempre um aroma fúnebre nos filmes desse festejado realizador, por mais lúdicos e leves que sejam. Respeitado no universo da literatura, por romances como "Tout contre Léo" (1995), e elogiado nos palcos em seu trabalho como encenador, o diretor virou um quindim pra crítica europeia, arrebatando uma legião de fãs. Ganhou tientes quando lançou o musical "Canções de amor" (2007), aos 37 anos, sendo definido como um herdeiro de Jacques Demy (1931-1990). A comparação com o mestre por trás de "Os guarda-chuvas do amor" (1964) veio pela maneira como ambos redefiniram o uso não realista da música como diálogo. Repetiu a marca em "Bem Amadas" (2011).

Em maio deste ano ele concorreu no Festival de Cannes com "Marcello Mio", um jogo de armar baseado na relação entre a Chiara



Pablo Gómez/SSIFF

Mastroianni e seu pai, o astro de "La Dolce Vita" (1960). Ela resolve se vestir como ele e imitar seu modo de falar, de ser e de querer, num processo de investigação afetivo. O filme vai estar na 48ª Mostra de São Paulo, que abre suas portas nesta quinta-feira. Até lá, para os cariocas, vale entender o que ele, Kircher e Juliette Binoche aprontaram em "Inverno Em Paris". Na entrevista a seguir, dada ao Correio da Manhã em San Sebastián, Honoré diseca suas muitas narrativas e afetivas.

Como foi estruturada a relação com Juliette Binoche na construção de uma personagem que espelha sua mãe?

**CHRISTOPHE HONORÉ:** O perímetro da memória é vasto e nele cabem muitos demônios e muitas ausências. Tentei atuar com ela, na maneira que minha recordação da figura paterna e de um amor que se partia permitia.

**O quanto "Inverno em Paris" reordena fatos de sua saudade em relação ao luto?**

**CHRISTOPHER HONORÉ:** É um filme sobre o jovem que eu fui sem ele, mas transporto isso para a história de outro menino, que assume seu desejo em meio a muitas descobertas. Tem muito de mim. Não por acaso, eu mesmo interpreto a figura paterna, que mor-



Divulgação

**Christophe Honoré trafega por lastros autobiográficos ao falar e seu pai em 'Inverno em Paris', com Paul Kircher**

re no início. Fui a San Sebastián com ele para buscar diálogo, fazer essa trama catártica ser vista.

**O que torna o risco da morte e as espectralidade questões centrais no seu cinema?**

Já na casa dos 50 anos, eu me vejo ligado a uma geração que escapou de se infectar com o HIV, mas que viveu suas primeiras experiências sexuais à sombra da Aids, com medo da contaminação, vendo nossos ídolos queer morrerem doentes. A Aids sempre esteve coma gente, como um fantasma, mas também como um balizador do desejo. E cinema vem do desejo. Eu filmo para exercitar o que desejo. No caso de "Inverno Em Paris", o maior interesse era recordar da juventude que tive, de uma França que ficou na nostalgia, sem ter que passar pelo perímetro do próprio cinema francês para reconstruí-la.

**Você ganhou fama nos anos 2000 como um artesão do musical, apostando num registro não realista. Onde entra a linha mais experimental, e mesmo autobiográfica, de seus novos filmes?**

Embora eu venha da literatura,

não tenho obsessão pelas vírgulas ou pelos acentos agudos do meu texto: meu roteiro existe para ser reinventado no set. Por isso, eu não ensaio, pois prefiro trabalhar com a matéria viva da descoberta. Janto com as atrizes e os atores, converso com o elenco, dou referências do que ver ou ler e parto para um processo de interação no qual os atores personalizam a história que tenho para contar. No caso de Chiara, ela é uma amiga e uma parceira de sets. Temos já afinção. Sobre a autobiografia: eu estou sempre em busca de minhas cicatrizes.

**De alguma maneira, a sua maturidade pessoal e profissional pesa na amargura que há em torno dos personagens? Pesa na forma como Chiara se reporta a Mastroianni?**

Estou no momento em que vejo uma série de jovens de 20 e poucos anos que me responsabilizam por sua escolha em fazer cinema por conta de terem visto meu "Canções de Amor" quando eram muito garotos. Eu já estou num momento de perceber uma distância geracional entre mim e uma nova linhagem de diretores.